

Mesmo com problemas ultrapassa-se meta

N. 20/1/84

por Albano Naroromele, em Pemba

Pela primeira vez desde a sua criação, há mais de dois anos, o Combinado Pesqueiro do Ibo, em Cabo Delgado, conseguiu não só cumprir, mas também ultrapassar em mais 18 toneladas a meta de 310, do plano de captura de pescado e mariscos para o ano de 1983. A maior de sempre em termos quantitativos, esta produção é também a melhor, e foi arrancada no meio de grandes problemas, que se arrastam desde a criação da empresa, em Maio de 1981.

A produção do ano passado, é três vezes superior às 108 toneladas (contra 118 do plano) realizadas em 1982.

Os responsáveis dos vários sectores da empresa dizem que para a obtenção da última produção foi determinante a existência mais ou menos regular de um apoio alimentar e bons incentivos para os dois grandes grupos de pescadores com que o Combinado conta.

O primeiro grupo de trabalhadores é constituído por 100 pescadores

dução à empresa, em troca de apoio alimentar, material de pesca, vestuário e outros bens como bicicletas e rádios.

Das cerca de 200 pescadores individuais integrantes do grupo, 109 são mulheres. Estas dedicam-se à captura de mariscos como berbigão e polvo, para além de âmbar.

— Conseguem vender ao Combinado duas toneladas de cada um destes mariscos, por mês — disse ao

do Pesqueiro do Ibo está a criar condições que, no futuro, poderão garantir o seu controlo sobre a actividade pesqueira, pelo menos nos distritos costeiros de Quissanga, Macomia e Pemba.

O Combinado mantém igualmente colaboração com duas cooperativas de pesca (Quirimba e Matemo), ambas localizadas no distrito do Ibo. As duas unidades colectivas vendem a totalidade da sua produção ao Combinado, de quem receberam, em troca, o apoio de dois barcos a motor. Logo que os pescadores tiverem pago o valor do custo das duas embarcações, estas passarão a ser da Cooperativa de Quirimba, de acordo com o respectivo presidente.

A cooperativa de Matemo, que no ano passado conseguiu fornecer duas toneladas mensais de peixe seco ao Combinado, trabalha com os seus próprios dois barcos à vela. Mas toda a arte é do Combinado, segundo um responsável da empresa.

De notar que enquanto os pescadores assalariados não cumpriram a sua quota parte no plano (pescaram 156,2 toneladas contra 180 previstas), a produção exterior ao Combinado foi aquela que permitiu o cumprimento e a ultrapassagem da meta.

PROBLEMAS

A empresa não tem sido suficiente para dar de comer aos pescadores tanto assalariados como artesanais. No que toca à produção da empresa, há períodos em que muitos barcos ficam completamente paralisados, devido à ausência e, por vezes, fuga dos tripulantes, que se deslocam a locais distantes à procura de comida.

Esta situação conduziu à decisão de se ir buscar pescadores experientes a Nacala, na província de Namúpula. A nossa Reportagem soube que pelo menos quatro dos onze pescadores trazidos já não se encontram no Ibo.

— Sabe, a gente tem fome. Nós, na cooperativa, somos 25 membros. Costumamos receber, de vez em quando, dois sacos de mandioca seca ou um saco de açúcar. Não chega para

ninguém. As vezes vendem-nos 2,5 metros de tecido para cada um, mas a pessoa não sabe como distribuir esse tecido para a mulher e os filhos — contou ao «Notícias» o Presidente da Cooperativa de Pesca de Quirimba. E note — concluiu — a nossa única actividade é a pesca.

Pelo menos até o ano passado, o Combinado tinha um outro problema. Um só barco (são actualmente oito em funcionamento) causava à empresa prejuízos no valor de 45 contos mensais, em salários, sem contar com os custos em combustível e manutenção.

Uma das causas desta situação era o facto dos pescadores assalariados se sentirem no direito de retirar da produção diária um pouco de caril.

Um dos pescadores disse à nossa Reportagem que a quantidade de caril não era fixa: cada um podia levar cinco quilos ou mais, por dia.

Tivemos de acabar com isso, porque, se, por exemplo, um barco pescava 50 quilos num dia, todo o peixe ia para o caril. A empresa ficava apenas com os prejuízos em vencimentos e combustível — disse o Chefe da Divisão da Frota.

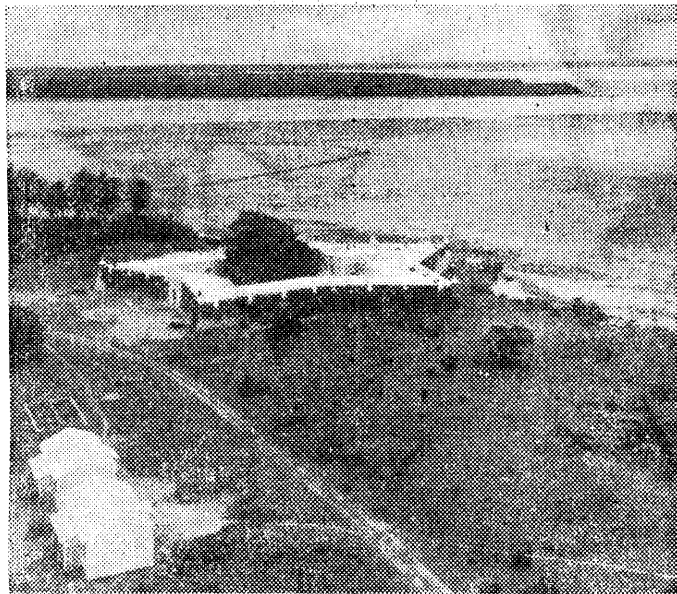
COMBUSTIVEL E OUTRAS DIFICULDADES

A falta de combustível que se fez sentir em 1983 não permitiu o cumprimento de 10 por cento do plano de produção.

Por outro lado, os barcos que entrevistamos na produção de 1983, foram recebidos no início desse mesmo ano, em troca dos de fibra até então disponíveis. Para a empresa, ficou resolvido, à partida, o problema da falta de barcos de madeira adequados para a zona.

Só que, entre outras situações imprevistas, os motores das 10 embarcações recebidas continham um tipo de óleo absolutamente diferente do recomendado pelos manuais. Isto resultaram avarias constantes que só foram reduzidas depois de conseguida a remodelação de todos os barcos, de acordo com o responsável da Divisão de Manutenção.

Ele disse-nos ainda que o seu sector não tem sido abastecido pela MADEMO em madeira para as reparações navais.



Vista aérea da Ilha do Ibo, em Cabo Delgado

assalariados, que operam com oito das 10 embarcações da empresa.

O segundo grupo envolve pescadores artesanais individuais e privados, bem como cooperativistas, num total de pouco mais de 1 000 pessoas.

Com os pescadores individuais e privados, o Combinado Pesqueiro estabeleceu um programa especial de apoio à pesca artesanal. A iniciativa consiste em que todos os pescadores interessados assumam o compromisso de vender a totalidade da sua pro-

«Notícias» o responsável da Divisão de Comercialização e Aprovisionamento.

Ele acrescentou que se em vez dos actualmente disponíveis dois barcos, tivéssemos cinco, poderíamos envolver mais mulheres, dar trabalho a mais senhoras.

O programa especial de apoio à pesca artesanal abrange pescadores de diferentes pontos da província de Cabo Delgado. Assim, o Combina-